

## NO MUNDO CULTURAL

Como é visto hoje, sob a luz da vida? Neste, e num próximo



Warren Beatty, o brilhante ator americano, intérprete do filme: «O céu pode esperar». A nossa pesquisa, no entanto, leva à convicção oposta, isto é, que o céu não pode esperar como uma realidade confusa, distante, abstrata.

# O que é

|| **O** céu pode esperar», é o título de um filme que fez sucesso recentemente. Volta à tona, nos dias de hoje, uma questão antiga que parece ter submergido em nossa civilização moderna. Além dos cineastas, também escritores e teólogos voltam a falar das “verdades últimas”, rompendo um longo silêncio que se vinha mantendo sobre o assunto desde muito tempo.

A teologia, de fato, até os anos 1500, tinha se interessado apaixonadamente pelo problema, não conseguindo, inclusive, evitar certos erros de explica-

**LEIGO** volta a ser discutido o tema da morte. Estudo entre os jovens, o problema da outra como capítulo, os resultados da nossa pesquisa.



# o Paraíso para você ?

ção (pois, naqueles tempos, acreditava-se na existência de um céu estratificado, acima das nuvens, em cujo topo ficaria a morada de Deus, e que a matéria era impura por ser composta de elementos heterogêneos; etc.). Nos séculos seguintes, com o progredir das descobertas científicas, a teologia não mais tratou do problema de ressurreição da carne e da vida futura. «Somente neste século a teologia percebeu que isso era uma grande lacuna (...) evidenciada pelas expectativas messiânicas de uma terra renovada, que a filosofia marxista-leninista suscitou. Fala-se de

um paraíso na terra, hoje, como consequência lógica da evolução dialética da sociedade» (1).

É daí que surge e se desenvolve a necessidade de que a teologia contemporânea estude, sob nova luz, os dados escatológicos (isto é, que dizem respeito ao destino final do homem e do universo) contidos na Revelação. Esta mesma necessidade evidencia-se, hoje, em nível pastoral. A propósito, uma recente carta da Congregação para a Doutrina da Fé «sobre algumas questões referentes à escatologia», dirigida a todos os bispos, mostra-se preocupada

com «tudo quanto pode provocar na consciência comum dos fiéis uma lenta degradação e extinção progressiva de alguns elementos indispensáveis à coerência da fé» e, por isso, considera «oportuno e urgente chamar a atenção sobre o artigo do Credo que se refere à vida eterna e, de modo geral, às realidades que existirão após a morte» (2).

A este ponto, parece oportuno saber como é que o povo encara esta questão, e especialmente o que os cristãos e sobretudo os jovens pensam a respeito.

Com a intenção de fazer um levantamento inicial (forçosamente limitado)

# O que é o paraíso para você?

da consciência popular sobre estes aspectos, entrevistamos pessoas à saída de igrejas, em São Paulo. A maioria delas não se recusou a dar uma resposta sobre o que é o paraíso, o purgatório e o inferno. Recolhemos essas opiniões e as organizamos em dois artigos. Neste primeiro, focalizaremos as opiniões sobre o paraíso.

## E se o paraíso não existir?

A respeito do paraíso poucos não tinham o que dizer. Vejamos, de início, a opinião da minoria que se declarou incerta, com dúvidas ou despreparada para responder. «Eu acredito que exista o paraíso, mas não consigo imaginá-lo. Para mim, é uma coisa abstrata. Quando pequena, eu pensava que ficasse acima das nuvens, cheio de anjos com auréolas. Agora, é claro, não penso mais assim. Sei que nesta vida já temos o material para construí-lo, mas, para mim, é como se estivesse construindo uma casa sem o projeto...» (uma jovem de 22 anos). «É tudo tão duvidoso... Na fase em que estou agora, penso que só quando morrer a gente vai descansar. Quando eu era mais jovem, não pensava assim, mas agora, com esta idade, cansada, com a vida difícil do jeito que está, eu só espero que passem todas estas tribulações que a gente está vivendo agora e que o paraíso seja um lugar de descanso eterno» (uma senhora de 60 anos). «Não sei... alguma coisa certamente deve existir. Eu pessoalmente gostaria de acreditar, mas não tenho tanta fé. Devo confessar que muitas vezes penso que não existe nada» (um homem de 56 anos). «Não tenho uma idéia clara a respeito. Nem mesmo sei se acredito, e isto é angustiante» (um jovem de 21 anos).

É angustiante! Desligando o gravador, continuamos a conversar com aqueles que têm idéias vagas e confusas sobre o paraíso. E começou a ficar mais claro o porquê da angústia. Eliminando-se a perspectiva do paraíso, parece que se elimina a base fundamental da fé e da experiência cristã. É como a casa que começa a ruir ao se destruírem seus alicerces. O Novo Testamento já diz isso muito claramente (3). Tornou-se evidente, deste modo, que é uma contradição querer viver o cristianismo sem a perspectiva do paraíso (tal como, entre outros, havia dito uma jovem:

«Eu me interessava muito por Cristo, mas por Cristo aqui na terra. O paraíso não tem importância para mim»), pois toda a mensagem de Cristo se baseia no anúncio do “reino de Deus” e se refere a uma realidade transcendente.

Mas — nos perguntamos — será que esta tendência a rejeitar o paraíso não exprime, antes de tudo, uma reação contra a idéia — muito comum no passado — de um paraíso entendido “apenas” como prêmio, e da vida terrena entendida “somente” como uma fase em que se colecionam méritos para a vida eterna? Para o cristão, sem dúvida, é muito importante reviver Cristo aqui, “na terra”. Mas parece uma visão mesquinha e individualista considerar que seu empenho na construção de um mundo mais humano seja “apenas” a condição para acumular méritos. Na realidade, o empenho do cristão em construir um mundo mais humano é muito mais do que isso: é a preparação ao paraíso, é o começo dos céus novos e terras novas já nesta vida.

O fato de se negar o paraíso esvazia o sentido da experiência cristã. E vice-versa: quanto mais fraca é a experiência de vida cristã, tanto mais difícil é compreender o paraíso. É o que diz um homem de 40 anos: «Eu acredito em Deus, e vou à missa de vez em quando. Mas não tenho uma idéia definida sobre o paraíso». E também uma senhora: «Sei lá... peça a meu filho que é formado...»

## O paraíso significa “comunhão”

Passemos à maioria. Vários entrevistados se esforçaram por definir de algum modo o paraíso. «Acho que o paraíso é uma coisa bonita, em que as pessoas não têm maldade no coração e vivem realmente como irmãos, em comunidade» (mulher, 31 anos). «A gente tem a idéia de que o paraíso é um lugar bom, de uma paz imensa» (uma jovem de 18 anos). «O paraíso é um estado de espírito. Quando você vive numa “boa” com você mesmo e com os outros, você se sente no paraíso» (uma jovem de 17 anos). «O paraíso é uma vida melhor

(1) Foresi, P., *Teologia da Socialidade*, S. Paulo, Ed. Cidade Nova, 1977, 2a. ed., p. 104.

(2) *Carta da Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé*, publicada em 15 de julho de 1979.

(3) «Se, de fato, os mortos não ressuscitam, também Cristo não ressuscitou. E, se Cristo não ressuscitou, é sem valor a vossa fé e estais ainda em pecado» (1 Cor 15, 16-17). «Fé é consistência daquilo que se espera, demonstração de realidades que não se vêem» (Heb 11, 1).



que vai pintar depois disso tudo; é um mundo bem melhor, não egoísta» (rapaz, 19 anos). «É o contato pleno com Deus» (rapaz, 16 anos). «Para mim, é participar da alegria de Deus, fazer parte de Deus. Como Jesus diz na parábola da videira: nós somos os ramos e podemos participar de sua vida» (rapaz, 28 anos). «No paraíso todos teremos a mesma religião e amaremos o mesmo Deus» (mulher, 35 anos).

Nestes depoimentos, a idéia de paraíso que emerge é a de uma realidade em que as pessoas vivem em “comunhão” com as outras, justamente porque são capazes de amar plenamente a Deus e, conseqüentemente, aos outros. Estas exigências de comunhão e quase de identificação com Deus no paraíso, parecem nascer de profundas “necessidades” humanas, sentidas particularmente no mundo materialista e competitivo de hoje, em que muitos se



## A palavra de um Teólogo

**U**ma rápida olhada pela história da humanidade nos mostra com clareza que todo homem busca a felicidade. O que é a felicidade? Nada mais do que a satisfação de todos os desejos e das profundas exigências que o próprio Deus colocou no coração do homem. Uma coisa é certa: esta sede de felicidade aparece toda vez que buscamos viver a vida em sua plenitude, toda vez que procuramos realizar-nos pessoalmente, junto com

os outros seres humanos e em harmonia com o universo.

Qual seria o caminho para chegarmos a uma idéia da vida do além, da vida do paraíso? Para nós, cristãos, o ponto de referência é a Sagrada Escritura, desde o livro do Gênesis até o livro do Apocalipse. Na Bíblia, encontramos muitas imagens que Deus, como bom mestre, usou para nos introduzir nessa realidade que nos espera.

O Espírito Santo, responsável pela caminhada cada vez mais profunda da Igreja em direção à verdade, foi destacando, no desenrolar dos acontecimentos da história, em várias épocas e em diferentes situações culturais, este ou aquele aspecto dessa profunda espera do homem e da humanidade. Por exemplo, um povo nômade, que vive sempre se deslocando no deserto, é natural que represente o paraíso como um oásis, jardim onde corre água abundante, repleto de vegetação e frutos. Já Santo Agostinho, que viveu a queda do império e da civilização romana, via espontaneamente o paraíso como a Jerusalém do céu, a cidade de Deus, para a qual converge a riqueza de todos os povos. Dessa maneira, cada época exprime, a seu modo, a própria fé no além, recorrendo a imagens diferentes. Porém, de todas essas imagens, o ponto de referência é sempre a Sagrada Escritura e, em especial, Jesus Cristo, que é a Revelação definitiva do Pai.

Cabe, aqui, uma pergunta: como é que, hoje em dia, costumamos representar o paraíso? Vivemos numa sociedade tecnológica, mergulhada na solidão, no desespero, na incomunicabilidade, na morte. É lógico que o nosso desejo seja encontrar a vida, a comunhão, a paz, a alegria; seja participar da vida plena que é o próprio Deus.

A teologia atual enfatiza a relação que existe entre o nosso compromisso na terra e a realidade futura, que constituirá o paraíso. Esse compromisso não significa apenas a prática das virtudes tradicionais; inclui também o esforço em fazer crescer a sociedade, a cultura, a ciência e a arte. Levaremos para o além aquilo que tivermos construído aqui na terra, também no que diz respeito à justiça social, ao progresso científico, etc. Em resumo, nada se perderá daquilo que tivermos realizado de positivo aqui na terra.

A felicidade que nos espera não estará sujeito ao tédio, como aconteceria se tivéssemos uma visão imóvel de Deus e, em Deus, de todos os irmãos e

das coisas, mas será uma eterna dinâmica, cheia de surpresas e de maravilhas.

A esse respeito convém conhecer o que disse a Congregação da Doutrina da Fé, sobre algumas questões referentes à outra vida: «... nem as Escrituras, nem a teologia nos fornecem luzes suficientes para representarmos a outra vida. O cristão deve aceitar, com firmeza, dois pontos essenciais: de um lado, deve crer que a força do Espírito Santo garante a continuidade fundamental entre a vida presente em Cristo e a vida futura. Eis a razão: a caridade é a lei do reino de Deus. A nossa participação na glória do céu corresponderá ao grau de nosso amor aqui na terra. Por outro lado, o cristão deve perceber a ruptura radical entre o presente e o futuro, tomando por base esse fato: a fé, que é a base da vida cristã aqui na terra, não terá mais lugar na outra vida, pois, então, enxergaremos tudo claramente; estaremos com Cristo e veremos “o rosto de Deus”. Essa é a promessa e o admirável mistério, raiz fundamental da nossa esperança. Nossa imaginação não consegue penetrar nessa realidade, mas o nosso coração nos leva instintivamente para ela e nela nos mergulha em profundidade».

O que queremos dizer, quando usamos essa expressão: «Vivi momentos de paraíso»? Não estaríamos afirmando uma experiência de alegria, de paz inexprimível, que tocou o âmago do nosso coração? Não seriam momentos de paraíso aquela relação pessoal e nova com Jesus, na oração e no sofrimento, na comunhão de vida com os irmãos, ou aquele contato com a beleza da natureza, manifestação de Deus?

Não seria um momento de paraíso o “cântico das criaturas” de São Francisco, expressão daquele contato com todas as coisas, que se torna um encontro com Deus, porque é tudo e em todos?

O episódio do Evangelho que narra a experiência dos três Apóstolos com Jesus no monte Tabor, pode ajudar-nos a compreender a realidade do paraíso. Aquela experiência mostra que é possível antecipar, ainda aqui na terra, um pouco da vida do paraíso. Quanto mais cresce em nossa vida essa experiência da presença de Jesus entre nós (Mt 18, 20), tanto mais aumenta a fé e a experiência daquela comunhão definitiva com Deus e com os irmãos.

E essa é a maneira mais autêntica de preparar-nos para a volta de Jesus.

Pe. Antônio Weber

encontram sem raízes, sem identidade e na solidão. Quem vive em tais condições sente, logicamente, certas exigências de relacionamento, de unidade, de realização verdadeira, que se expressam em termos de uma fé que se professa. A esta altura, alguém poderia

contestar que a imagem que formamos do paraíso não passa de uma projeção, para o “mundo do além”, da satisfação de exigências reprimidas pela sociedade em que vivemos. Mas as respostas dos entrevistados indicam algo mais que isso.

## Para que o céu não espere

Quase todos – principalmente os jovens – que tentaram uma definição do paraíso não o consideraram como uma realidade separada e distante do nosso mundo. «A pessoa que vive em

## O que é o paraíso...

paz consigo mesmo e com os outros já está praticamente no paraíso. Portanto, o paraíso começa nesta vida e continua na outra» (mulher, 45 anos). «Eu não acredito que para ir ao paraíso seja preciso morrer e, só então, entrar numa outra vida, em que tudo seria maravilhoso. O paraíso pode começar aqui mesmo» (uma jovem de 17 anos) «Para mim, quando a gente reza “venha a nós o vosso reino”, não quer dizer que vamos esperar a morte para chegar ao reino de Deus, mas que nos empenhamos já nesta vida de todos os dias, no trabalho, na construção de uma sociedade mais justa. É começando a construí-lo que se experimenta o que é este reino, já nesta terra» (mulher, 37 anos). «Deus é amor e, portanto, cada vez que amamos, experimentamos um pouco do paraíso» (um jovem de 19 anos). «Quando procuramos, com todas as forças, viver a frase do Evangelho “onde dois ou mais estão unidos no meu nome, eu estou no meio deles” e temos realmente Deus entre nós, acho que experimentamos, mesmo de modo limitado, o paraíso» (rapaz de 21 anos).

Uma jovem de 19 anos nos contou: «Oito meses atrás, meu pai morreu, após treze dias de coma. E aqueles dias terríveis, de expectativa, foram os mais gratificantes da minha vida. Pois cada palavra, pensamento ou sentimento supérfluo era dissipado, para dar lugar somente a um relacionamento pessoal, de cada um de nós da família, com Deus, a cada momento, até o último instante da vida de papai. Agora posso dizer que o ligame sobrenatural, que se criou naqueles dias com ele, permanece e se reforça cada dia. Parece-me, aliás, que esse vínculo se estendeu a toda a sua “nova família” celeste. Estou experimentando que é uma realidade a relação com todos os que já chegaram no paraíso. E, nesta comunicação contínua entre céu e terra, percebo como são sagrados também todos os momentos da minha vida».

Ao escutar esta jovem, tivemos a sensação de como é inadequado chamar o paraíso de “além”, contrapondo-o ao “aqui na terra”. E ao mesmo tempo, como é acertado falar de uma comunicação contínua entre o céu e a terra: uma comunicação a ser vivida, construída dia por dia com todo o empenho espiritual e concreto, porque – como diz A. Weber no artigo que reproduzimos nestas páginas – «levaremos para o além aquilo que tivermos construído aqui (...). E nada se perderá daquilo que

## A experiência de um Vigário

**A**cho que o paraíso é um tema facilmente esquecido ou pelo menos deixado em segundo lugar, não só na catequese para jovens e adultos, como também na catequese das crianças. Chega mesmo a ser embaraçoso para quem deve anunciá-lo. E quem ouve esse anúncio, mostra interesse, em geral, mais por uma forma de curiosidade do que por espírito de busca.

Entretanto, um autêntico ato de fé exige o conhecimento da palavra de Deus, acolhida pela Igreja e por ela apresentada de maneira fiel, purificando o que foi efetivamente revelado de todos os possíveis matizes da fantasia.

Porém, desde já devo adiantar que me parece impossível qualquer representação do céu, do paraíso, sem uma exata percepção do sentido de Deus e do seu plano de salvação. Melhor dizendo, essa percepção só acontece quando formos testemunhas do divino, por termos conseguido, de certa forma, alguma experiência da vida de Deus em nós mesmos ou nos outros. Eu o digo por experiência própria.

Três anos fazendo catequese a adultos e jovens, só agora me é dado anunciar-lhes e, por assim dizer, “descrever” as últimas realidades da esperança cristã, com a certeza e a responsabilidade de estar comunicando a verdade.

Como apresento o paraíso? Fazendo com eles uma busca na Sagrada Escritura e no Magistério da Igreja, descobrimos que o paraíso é Deus mesmo, não algo de Deus ou um presente dele. É Deus-Trindade-Amor imenso que se participa a nós, suas criaturas, que nos tornamos não só capazes de recebê-lo, mas nos tornamos, também, de certo modo, Deus. Isto acontece mediante um processo de identificação com o Cristo, realizado pela ação da Palavra, dos Sacramentos (em especial a Eucaristia) e pela comunhão entre os membros da Igreja, quando, na unidade, ela manifesta Jesus. Ação de identificação com Cristo, realizada pelo Espírito de santidade e de verdade, que nos torna também “participantes” da vida íntima da Trindade. Aí está a máxima realização do homem, das suas capacidades individuais – naturais e adquiridas – das suas mais profundas intuições, da sua máxima vontade de amor, da sua extrema necessidade de relações verdadeiras e plenas. O paraíso,

visto do lado do homem, é a sua escolha definitiva de Deus, completa e irreversível, mas que é realizada numa liberdade superior, que cresce a cada instante, no tempo eterno de Deus.

Há um caminho que nos introduz progressivamente no conhecimento do céu.

Partimos da análise dos elementos que descrevem o chamado paraíso terrestre do Gênesis: cordialidade e afabilidade de Deus que procura o homem para estabelecer com ele um constante e irrecusável diálogo amigo, no maravilhoso jardim do Éden. Lá reina a alegria perene e não a dor, a vida segura e não a morte, o trabalho criativo e não a fadiga humilhante, o amor forte e sereno, não a paixão irrefreável.

Em seguida, destacam-se os profetas, na tarefa de anunciar um novo paraíso, uma nova prosperidade no futuro tempo messiânico. Em especial, Ezequiel, colocará numa nova Jerusalém a realização concreta dessa espera.

Enfim, vem Jesus e os céus “se abrem”. Ele é o salvador. Anuncia o reino dos céus já presente ou vindouro. Fala da salvação e da vida eterna, da glória e da ressurreição que compartilhará com seus amigos, de núpcias e banquete final, do seio de Abraão e de uma ceia para a qual todos estão convidados. Fala do paraíso no qual se entra no mesmo dia, do ingresso na “alegria do Senhor”, do amor que jamais se extinguirá, do lugar onde ele está, à espera dos seus.

Dando seqüência aos ensinamentos de Jesus, os autores sagrados do Novo Testamento têm expressões como estas: Vida e morte em Cristo; ver Deus assim como ele é, face a face; assimilação a Cristo, na paz de Deus; morar nos céus; estar sempre com o Cristo, com o Senhor; extinção da morte e fim de todas as lágrimas.

Esse itinerário, embora rico em apresentações, não pode porém satisfazer as exigências de um anúncio completo, isto é, enriquecido pela experiência. É necessário que o agente de pastoral dê testemunho de que o reino, a vida eterna, já começou e que só deve completar-se. Isto é, a partir da vida nova de Cristo, que o anunciante experimenta em si próprio, como também por aquilo que ocorre naqueles que transformam suas vidas num ato de amor constante e cada vez mais intenso.

Pe. C.F.

tivermos realizado de positivo na terra».

Mas será que nós cristãos somos coerentes a ponto de viver o diálogo, o contato contínuo que já podemos estabelecer com o paraíso, desde agora? Parece-me que das respostas que as pessoas nos deram nestas entrevistas emergi-

ram algumas indicações que podem nos ajudar a refletir e a compreender principalmente que, se «o céu pode esperar», é somente porque cada um de nós pode cometer o erro de fazê-lo esperar.

Rosana Cantelmi e Reinaldo Fleuri